

O ESMAGAMENTO DO POBRE A PARTIR DO PROFETA AMÓS: VIOLAÇÕES SOCIAIS EM LUGAR DA JUSTIÇA *

Liniker Xavier**



Resumo: *a profecia de Amós é um clamor por justiça social. Em tempos de opressão, o pobre era esmagado pelo sistema político enquanto os poderosos enriqueciam. Este mesmo movimento permanece sendo observado quando paramos para analisar como algumas tragédias a exemplo do rompimento da barragem de rejeitos em Mariana e Brumadinho (MG) expõem as deficiências e as violências sofridas pelos povos, especialmente o latino-americano. O processo que vamos chamar de “esmagamento do pobre”, visto na profecia de Amós, vai se modernizando e violentando aqueles que não têm acesso a justiça e não gozam dos efetivamente dos Direitos Humanos e dos direitos garantidos na Constituição Brasileira.*

Palavras-chave: *Pobreza. Miséria. Justiça Social. Amós.*

Maior nação católica do mundo, o Brasil soma 86,8% de cristãos de acordo com os dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para chegarmos a este número, consideramos a soma de católicos (64,6%) e evangélicos (22,2%). Significa afirmar que quase nove a cada dez brasileiros professam a sua fé baseados no livro sagrado do cristianismo, a Bíblia. Os textos bíblicos que baseiam a fé da expressiva maioria dos brasileiros apontam para uma série de obrigações que aqueles que seguem ao líder do cristianismo, Jesus Cristo, deveriam se submeter. É de se esperar, por exemplo, que o amor ao próximo, a solidariedade e a renúncia ao *status*¹ sejam valores sempre presentes no *ethos* de uma sociedade cristã e que a justiça social seja item vital da cesta básica da cida-

* Recebido em: 15.02.2019. Aprovado em: 03.06.2019.

** Doutorando em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP). Mestre em Teologia (UNICAP). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Faculdade Joaquim Nabuco). *E-mail:* linikerxavier@gmail.com

dania, valores que deveriam ser exercidos, principalmente, pelos governantes. No entanto, a realidade que observamos no seio das comunidades está mais próxima dos textos do profeta Amós que das recomendações dos evangelhos. Enquanto as lideranças políticas vão experimentando camadas cada vez mais profundas nos mares da corrupção, os comandos religiosos vão se submetendo a alianças que diferem de suas pregações e submetem o povo, especialmente o pobre, a condições de miserabilidade. Aqui, vamos buscar revisitar a sociedade de Amós a partir da questão da violência social para então associarmos estes escritos proféticos com a realidade latino-americana, especialmente a realidade brasileira. Um doloroso processo que vamos chamar de “esmagamento do pobre” ao lembrar também dois importantes – e lamentáveis – episódios envolvendo desastres humanitário e ambiental: o rompimento das barragens nas cidades mineiras de Mariana (novembro de 2015) e de Brumadinho (janeiro de 2019).

VIOLÊNCIA SOCIAL A PARTIR DO PROFETA AMÓS

O livro do profeta Amós, no Primeiro Testamento, é um importante destaque quando falamos de tragédia relacionada ao pobre. Sua profecia aparece em meados do século VIII a.C e inaugura uma nova tradição literária, uma introdução ao profetismo. Amós é originário de Técoa², ao sul de Jerusalém, em Judá. No entanto, sua profecia é destinada ao Reino do Norte, especialmente nas cidades de Samaria e Betel³, locais ligados ao governo e a religião. Durante a leitura do texto de Amós, identificamos ao menos três ocupações do profeta. Ela era pastor de ovelhas (Am 7,15); vaqueiro (Am 7,14;1,1) e talhador de sicômoros⁴ (Am 7,14). Com várias ocupações, entendemos que este era um homem rude, campesino e pobre, um trabalhador comum, e sua linguagem deixa transparecer suas origens campesinas. É possível que Amós precisasse ter vários empregos para sobreviver, atuando ora como vaqueiro, ora como agricultor, dependendo dos trabalhos que conseguia (BALANCIN; STORNILO, 1991, p. 7).

É alguém que conhece bem a natureza, que observa o crescimento da erva tardia (7,1), tem medo dos gafanhotos e do leão (3,4.8), fica preocupado com a seca (4,7; 8,11), verifica se os frutos do verão estão maduros (8,1), observa o pássaro preso na armadilha (3,5) e a cobra escondida dentro de casa (5,19) (SILVA, 2002, p.18-19).

Quando Amós profetiza, não está falando a partir dos palácios. Seu ponto de vista não é a partir do poder, seja o estatal ou o religioso. A cena habitada pelo profeta é a cotidiana, a das ruas, a realidade nua e crua das muitas violências sofridas pelo povo corriqueiramente. Faria (2000, p. 31) destaca que, desde seu surgimento

até o século VIII, quando tem início a atividade profética de Amós, encontramos uma profecia ligada a corte. O profeta Elias representa um ponto fora da curva, progressivamente mais distante da corte e mais próximo do povo. De acordo com Sicre (2002, p. 236-237), existiram três etapas neste processo profético até o século VIII. A primeira apresenta aproximação física do profeta com a corte e um distanciamento crítico na relação do profeta com o monarca. Na segunda, passa a existir um distanciamento físico entre o profeta e o rei. A terceira etapa, explica Sicre, é a do distanciamento progressivo do profeta em relação a corte ao mesmo tempo em que há uma aproximação cada vez maior com o povo. Há ao longo da história profetas da corte e profetas populares, caso do campesino Amós.

Amós fala de uma comunidade onde o necessitado tem a sua cabeça pisada como quem pisa o pó da terra, onde o pobre é vendido por um par de sandálias, o justo vendido por prata, e pai e filho deitam-se com a mesma mulher (Am 2,6-7). É um contexto de violência generalizada contra o pobre. Vamos admitir o ano aproximado de 760 a.C. para entendermos o contexto social onde está mergulhado o profeta. É Jeroboão II quem está no poder no Reino de Israel. Foi um expansionista, tendo alargado as fronteiras de seu reino com alguns destacáveis feitos, governando por cerca de 40 anos. Os anais do seu reinado são apresentados em 2Rs 14,23-29. Este esforço expansionista tinha um claro viés econômico: havia o interesse de aumentar tributos, além de aumentar a arrecadação com novas rotas comerciais. Quanto mais o Estado crescia, mais reivindicava arrecadações. Eram tributos com o interesse de manter a própria máquina do Estado em crescimento, sem a intenção de melhorar a vida do povo efetivamente⁵. Quando Amós profetiza, não falava a um Estado sem força, conforme lemos:

Amós não se defrontou com um Estado frágil. Deparou-se com o vigor militar e comercial de um soberano bem sucedido e de uma economia florescente. [...] O que Amós dizia, contradizia a opinião promovida pelo Estado e pela religião. [...] As dores que em Amós são ditas não são fruto das ações dos pequenos (SCHWANTES, 2004, p.16-17).

Politicamente, o profeta campesino estava, de forma clara, se colocando na oposição. Esta tomada de posição fica clara quando lemos o profeta Jonas⁶ falando do reinado de Jeroboão II em 2Rs14,25, destacando os seus feitos ao invés das opressões sofridas pelo povo. A forma como este segundo profeta olhava o governo local parecia ser uma tentativa de justificar os atos do rei em prol do estabelecimento de suas políticas. Há também o sacerdote Amazias, de Betel. Este denuncia Amós ao rei afirmando que o profeta conspirava contra a coroa.

Amazias chega a expulsar Amós chamando-o de “vidente”. Em Am 7,12-13, o sacerdote deixa claro o lugar onde supostamente deveria ser de adoração a Deus “é santuário do rei, e é templo do reino”, afirmando, desta forma, que ali a religião está a serviço do que deseja o governante. Desobedecer esta recomendação configura crime político além de apostasia (BALANCIN; STORNILO, 1991, p. 29). A resposta de Amós (Am 7,14-16) afronta o sacerdote. O profeta prefere sofrer as consequências da sua profecia que compactuar com aquele sistema. Governo e religião estavam de mãos dadas em prol do estabelecimento de suas políticas enquanto o povo padecia as misérias da tragédia do ser pobre. A religião oficial, afirma Reimer (2000, p. 168), instrumentalizava a extorsão de tributos da população campesina. É a partir desta realidade que Amós apresenta

A imagem de um Deus que reaviva as lembranças ruins de uma religião severa, e cuja imagem nos parece bem distante daquela do Deus de ternura e misericórdia revelado por outros profetas e, de modo particular, por Jesus de Nazaré (SILVA, 2002, p. 7).

Era o próprio Deus quem se colocava em oposição a todo o sistema. Quando decretava o declínio dos poderosos, o profeta era um eco do divino, que rugia como um leão. Se Deus é o leão, Amós é o leãozinho (SILVA, 2002, p. 20) e, quando ruge o leão, quem não temeria? (Am 3,8). Experiente homem do campo, Amós sabia que este rugido precedia o ataque à presa. E Deus estava disposto a atacar os poderosos. O agora profeta demonstrava como era inevitável profetizar acerca do juízo divino de modo que ele mesmo não tinha escolha. Como não denunciar a opressão social quando ela está patente aos olhos? A denúncia de Amós expressa não apenas o juízo de Deus, mas também o juízo do profeta. Ele mesmo também está indignado com a situação e chama a atenção dos ouvintes para que reflitam sobre o tema usando a expressão “ouvi” ou “escutai”. A tomada de posição por Amós é um chamado a todo aquele que também se indigna pela causa da justiça, um chamado ao pensamento coletivo em prol de um povo marginalizado defendido por um Deus contrariado pela situação em que se encontra o pobre. O profeta toma partido e convida a reflexão (Am 3,1; 4,1; 8,4; 3,3-6.8).

Jeroboão II é uma figura militar importante. Em seu reinado, as atividades militares vinham em um movimento crescente promovendo a expansão territorialista. Era um movimento cíclico: a política de expansão garantia o crescimento da força militar e o crescimento da força militar proporcionava a efetivação das políticas de expansão. É neste momento também que o militarismo passa por um turbulento período de inversão de atividades. Não se trabalhava mais de

forma preventiva, mas ofensiva. O exército passava a não mais ter que defender o povo. Ao mesmo tempo, agora investia em ganhar terras e aumentar o estado. Tornou-se mais um braço de apoio ao governo que explorava o pobre, mantendo-se ao lado dos poderosos. Reimer (2000, p. 167) fala em “atrocidades nas ações expansionistas” utilizadas pelo exército de Jeroboão II.

Este estado de tragédia era causado pelos poderosos, sejam eles da política ou da religião. É claro que as micro relações geradas entre os pobres também eram marcadas por alguma violência, mas o que caracterizava o estado de violência geral era a opressão da classe dominante. Enquanto as elites políticas e religiosas gozavam uma vida de regalias no centro urbano, o povo, especialmente o camponês, sustentava estes gastos forçadamente com muito trabalho.

É interessante perceber que Amós se coloca em oposição também à religião. Na ótica do profeta, o culto não estava a serviço de Deus, mas dos poderosos (Am 7,12-13). Até mesmo as festas religiosas eram usadas para explorar o pobre. Eram momentos de coleta de tributo através das oferendas que os camponeses traziam ao templo. Os comerciantes, denuncia Amós, maquinavam formas de ganhar lucro “diminuindo medidas, aumentando pesos e viciando balanças” (Am 8,4-6). Isto significava, como aponta Balancin e Storniolo (1991, p. 26), uma total perversão, já que as festas estavam ligadas à libertação do povo. Ao invés de pregar o bem comum e a satisfação das carências dos necessitados, a religião passou a ser instrumento de opressão e servia, basicamente, para legitimar misticamente aquela forma opressiva de governo. No capítulo cinco de seu livreto profético, o profeta afirma que Deus desprezava e odiava as reuniões religiosas, as festas, os cultos (Am 5,21-23). Quem pode fazer o bem e não o faz torna-se cúmplice do mal. Era o que faziam os religiosos da época de Amós. As ofertas agrícolas que eram deixadas no templo, nas palavras do profeta, já não eram mais aceitas por Deus. Até mesmo as músicas eram desprezadas pelo divino que se importa com o pobre, sentindo a sua dor. Eram tempos em que “o culto mascarava principalmente a exploração econômica, que reduz os pobres à miséria” (BALANCIN; STORNILO, 1991, p.25).

A hipócrita religião que ignorava os preceitos de divinos vivia da esperança das riquezas proporcionadas por Jeroboão II. Esperavam pelo Dia do Senhor como quem espera por uma grande vitória. O chamado “Dia do Senhor” traria uma série de catástrofes cósmicas que castigariam os inimigos de Israel e os confirmaria como povo peculiar de Deus. Era uma visão bastante otimista que terminou por ser rechaçada pelo profeta. Haveria, de fato, um “Dia do Senhor”, mas este não seria a favor daquele sistema de opressão. A profecia de Amós desconstrói este episódio ao declarar o Dia do Senhor como episódio marcado pelas trevas e não pela luz (Am 5,18-20). Para os religiosos que viviam da opressão do pobre, a profecia declarava que o Dia do Senhor seria como o

homem que foge do leão e termina encontrando o urso, dia de escuridão e de calamidade. Em vários momentos a profecia aponta que neste dia Javé deixaria que os inimigos de Israel os vissem sendo destruídos (Am 3,11; 5,1-3; 9,1-4.7-10). Amós fala daqueles que pisam o pobre e arruinam ao necessitado (Am 8,4). Em seguida, a violência é caracterizada por elementos a exemplo do comércio ilegal marcado pelo aumento de preços e balanças desonestas. Pisam sobre a cabeça de necessitados (Am 2,7) e acumulam nos palácios o que era roubado e saqueado do povo (Am 3,10). O esmagamento do pobre era seguido de festas com bebidas (Am 4,1). Verdi Sulca (2012, p. 59) diz que quando a vida deixa de ser o lugar da experiência com o sagrado, constroem-se sistemas enganosos que justificam comportamentos alienantes e ideologias destrutivas que se evidenciam no ostensivo luxo das classes dominantes.

A prosperidade de Jeroboão II era fruto do esmagamento do pobre em uma sociedade onde “o direito foi transformado em veneno, e o fruto da justiça em amargura” (Am 6,12). Está claro que o texto bíblico é uma denúncia sobre os arranjos entre governo e religião, palácio e templo, rei e sacerdote, onde o povo sempre saía em cruel desvantagem, primordialmente o pobre. Destaca-se também que Amós é um homem do Sul que foi profetizar no Norte. Em seu texto, afirma não ser profeta, nem filho de profeta (Am 7,14). Não pertence a um grupo profissional que profetiza naquela nação, mas representa um Deus que transcende as fronteiras nacionais (CETINA, 2012, p. 19). Amós não está ligado a instituição alguma, seja política ou religiosa. Não há ligações entre ele e aqueles que ocupam os espaços de poder, seu compromisso é com o Deus da mensagem que anuncia. O profeta tem liberdade para desmascarar a ideologia dominante, mas sem apoio das forças oficiais (BALANCIN; STORNILO, 1991, p.14). Amós não está ligado aos palácios e cortes:

A rigor, Amós não é profeta, é “profetizador” (cf. 3,8; 7,15.16). Por outro lado, seu modo de vida e de subsistência passa a desempenhar papel de realce. Seu pão não lhe vem de sua função de profeta (o que nega ser). Ganha-o como trabalhador. [...] Seu trabalho dá autenticidade a suas palavras. Entre o Amós trabalhador e sua profecia radical contra os totalitários deve haver uma relação. O trabalhador e o “profetizador” se correlacionam, embora este não dependa daquele (SCHWANTES, 2004, p. 43-4).

O pobre em Amós não é apenas aquele que está em situação de rua, por exemplo. A principal violência ali denunciada é advinda da parceria governo-religião. Em Amós, é pobre todo aquele que está inserido nestes processos: desassistido pelo poder público, sem acesso à justiça, e oprimido pela religião. A falta de acesso à justiça é um agravante para a situação do pobre. Este pobre não necessariamente

é um não-possuidor de bens. Ainda que os tenha, podia ser explorado e esmagado pela máquina estatal a ponto de, finalmente, encontrar-se literalmente pobre e esmagado. O oprimido é a fonte de renda dos seus opressores. O pobre sustenta o rico, é a sua exploração que garante o banquete dos abastados nos palácios e os sacrifícios para um Deus absolutamente desinteressado naquele tipo de oferta. Amós registra, inclusive, que há um entesouramento de violência e destruição nos palácios (Am 3,10).

Os temas centrais das denúncias de Amós estão inseridos nos capítulos cinco e seis do livro de sua profecia. Reimer (2000, p. 161) sustenta que estas violações se dão em três blocos: social/jurídico, religioso e administrativo. Ele destaca que nestes três âmbitos, o profeta usa uma estrutura textual que inclui um “ai!”, o “dia/ação de YHWH”, a “descrição do pecado”, uma “apelação” e o “anúncio final”. Dentro da leitura feita nestes três blocos, “existem diferentes expectativas do profeta em relação aos protagonistas denunciados em cada uma das esferas da vida social de Israel” (REIMER, 2000, p. 162).

O governo de Jeroboão II, junto com seu exército e as classes dominantes, ia contra, inclusive, a lei a qual estavam submetidos. Esta lei determinava que não deveria ser desprezada a demanda do pobre e os seus direitos e que o estrangeiro não deveria ser oprimido, já que Israel havia sido estrangeiro no Egito (Ex 23,1-9). O que acontecia, na prática, é que às portas do tribunal o suborno falava mais alto e os pobres não tinham suas causas julgadas. Em meio a fome, caos e esquecimento, o povo insistia em existir, sem estar necessariamente vivendo, já que todos os avanços políticos e comerciais implicavam na diminuição do ser enquanto humano.

A injustiça, a violência e a destruição para com o pobre não apareciam somente por meio de decretos e tributos, mas era também física. O aumento das exigências implicava automaticamente no aumento de horas trabalhadas, fora do convívio familiar, e exposto a todos os pesares de uma carga horária que extrapolava o normal. Era literalmente um processo de esmagamento (Am 4,1). Ao menos em três ocasiões Amós destaca a escravidão do pobre camponês (Am 1,6; 2,6; 8,5). Extorquido em todos os aspectos e sem acesso à justiça, o pobre se encontra inserido em um processo de eliminação (Am 8,4). Também a natureza sofria as consequências deste processo, já que “o livro de Amós parece falar de um desastre ecológico: seca, fome, sede, morte” (SILVA, 2002, p. 31). Ainda, Silva (2002, p. 54) diz que toda esta opressão se dá em um processo chamado de “anticriação”. Esmagar o indivíduo ao ponto de torná-lo pó é levá-lo de volta ao estado de não-pessoa, anterior ao sopro do divino.

Estamos falando de um período em que o governo de Jeroboão II não oferecia alternativas para a situação da maior parte da população. Não existiam alternativas para o pobre e os empreendimentos militares do reino não serviam como res-

posta prática para o estado de miserabilidade em que o povo se encontrava. A população sofria em muitos aspectos. Importante destacar que o texto de Amós apresenta os juízos de Deus sobre outras nações antes de falar propriamente da Israel. Lemos juízos acerca de Damasco, Filistéia, Tiro, Edom, Amom, Moabe e Judá e, só então, trata-se do julgamento de Israel. Observemos que o povo era oprimido e castigado não pelos problemas políticos internacionais, não por nações interessadas em Israel, mas sim, por sua própria elite, por seus próprios governantes, em um nefasto movimento que colocava o povo contra o próprio povo. Eram os de dentro quem oprimiam seus conterrâneos e os impediam de acessar a justiça. O juízo das nações também apresenta o comprometimento de Deus em defesa dos direitos humanos e contra toda forma de injustiça. Contra a cidade de Damasco, o castigo acontece por conta dos trilhos de ferro com que destruíram Gileade, de forma absolutamente violenta. Os filisteus receberam a sentença pelo fato terem feito pessoas escravas para vendê-las a Edom, tráfico de seres humanos. Em Tiro, os escravos eram vendidos também a Edom, até mesmo israelitas. Edom foi impiedoso com seus irmãos. Amóm fez uso de violência até contra mulheres grávidas. Em Moabe, os ossos do rei de Edom foram queimados sem misericórdia até chegar às cinzas, ritual que colocava o morto na condição de maldito. O pecado de Judá era a idolatria. Todas as violações eram contra a dignidade da pessoa humana e agora o povo de Amós vivia estas mesmas violações, no entanto, provocadas pelas lideranças locais. Agora, Deus estava condenando aquele e aquilo que diminuía o ser humano. É importante ressaltar que, apesar da impressão de que Deus estava condenando todo o povo, “a denúncia visa mais diretamente à classe dominante” (SILVA, 2002, p. 43). O castigo de todos estes povos envolve sempre a destruição dos palácios e fortalezas destas cidades, em uma clara referência da ira de Deus não contra os pequenos, mas sim contra os dominantes (cf. Am 1,4.7.10.12.14; 2,2.5). Apesar dos muitos pecados das nações citadas por Amós, o profeta convida em Am 3,9-10 o Egito e os filisteus, opressores de Israel, para verem o que está fazendo o povo antes oprimido. Samaria se tornou exemplo de corrupção e opressão até para os seus inimigos.

A maioria dos exegetas concorda que a expressão “vacas de Basã”⁷, mencionada em Am 4,1, faz referência as mulheres que viviam nos palácios cercadas de riquezas e poder advindos do esforço do trabalhador pobre. Neste artigo, vamos concordar com este posicionamento acrescentando que, estas eram mulheres que circulavam nas esferas políticas e religiosas daquele povo. Ao mencioná-las diretamente, Amós denuncia que personagens femininas inseridas em uma cultura sexista e excludente⁸ estavam agora assumindo a postura dos seus agressores, tornando-se elas mesmas agora agentes ativos no processo de exclusão e marginalização de pessoas. As mulheres samaritanas, afirma Fonseca (2012,

p. 71), construíram sobre a base de sua autoconfiança e injustiça uma figura objetificada de si mesmas. A lei oficial não exigia a presença feminina na vida religiosa das comunidades de fé (XAVIER, 2018, p. 56). De acordo com Brenner (2001, p. 131), a norma para uma mulher decente era estar inserida no contexto doméstico. Deixar sua marca além das atividades domésticas era transcender o destino, uma exceção. É um contexto onde a mulher está subordinada ao homem porque é considerada irresponsável e necessita de proteção, sendo politicamente insignificante (BRENNER, 2001, p. 196-8)⁹.

Enquanto a maioria da população vivia um cenário de exploração trabalhista, os que detinham o poder levavam uma vida luxuosa que incluía casas de inverno e verão; casas de marfim; e as chamadas “grandes casas” (Am 3,15). Também casas de pedras lavradas, com direito a vinhas plantadas provavelmente nos jardins das luxuosas propriedades (Am 5,11). Ungiam-se com os mais finos óleos e usavam as mais finas taças para que pudessem beber. Improvisavam instrumentos musicais para tocarem durante as festas (Am 6,5-6) enquanto, lá fora, o pobre vivia ao desalento. Não há dúvidas de que eram tempos economicamente de muita bonança e abastecimento, mas não para todos e a um altíssimo custo. Todo este trabalho de expansão de territórios e rotas comerciais não rendiam frutos que chegassem ao povo já que o rico ia ficando cada vez mais rico e o pobre, cada vez mais pobre, em um flagrante e escandaloso cenário marcado pela injustiça social. A denúncia feita por Amós constrangeu a ponto de ocasionar a tentativa de Amazias expulsar o profeta. A sentença de Deus manifestada por Amós pode ser interpretada como um basta divino em prol do oprimido. Uma dura sentença que decretava o fim do reinado, do seu sistema opressor e de seus braços, a exemplo do exército que estava mais focado em conquistar territórios que proteger o povo. A voz de Amós traz uma profecia que tem por essência ser libertadora para os fracos, para os pobres, para os oprimidos. A profecia perde seu sentido lógico se não vive este compromisso. A realidade vivida pelo oprimido dos tempos de Amós era mascarada. O profeta tinha então o dever de, com a profecia, desmascarar o sistema opressor desvendando a realidade do presente para, só então, caminhar em direção de um futuro mais justo e igualitário. A profecia recorre ao passado, à história, as raízes de um povo, para aprimorar seu presente e viabilizar o futuro.

O sistema opressor à época de Amós era operado por um povo que já tinha experimentado a libertação de Deus nos tempos do Egito. O que um dia foi oprimido e liberto agora desenha a exploração e a coloca sobre o povo, embriagando homens consagrados e calando a boca dos profetas (Am 2,12). O povo de Israel sabia o que era sofrer a injustiça. Aceitar a libertação dada por Deus no Egito implicava na aceitação de um novo modo de vida, livre das amarras da opressão. Este deveria ter sido o testemunho de Israel para os outros povos. Em Am

3,1.2 a profecia afirma que, de todas as famílias da terra, Israel foi a única que Deus conheceu e, mesmo assim, agora seus líderes viviam emaranhados na opressão, traíndo seu libertador e o seu povo. A intenção de Deus em libertar Israel do Egito era fazer com que o povo se tornasse modelo para que outras nações pudessem partir para a sua própria libertação, criando uma sociedade justa (BALANCIN; STORNILO, 1991, p. 22). Não foi o que aconteceu.

Não se trata apenas de um erro pequeno ou grande. Trata-se de uma involução, de um retrocesso histórico, para além de suas próprias raízes como povo. A crítica de Amós, portanto, não exige uma reforma qualquer, mas uma retomada fundamental da história passada para produzir uma conversão no presente, a fim de construir o futuro em coerência com a memória do passado (BALANCIN; STORNILO, 1991, p.22). A religião libertadora agora se tornou instrumento para oprimir o seu próprio povo.

Desta forma, Amós apresenta uma grave denúncia. Violências, abusos (inclusive sexual) e desigualdade social (incluindo tratamentos diferenciados perante a justiça). Ações contra o pobre, o fraco, o oprimido, o justo, o necessitado. Crimes praticados pelas classes dominantes, incluindo alguns comerciantes, juizes do tribunal, a religião e seus sacerdotes, o governo com suas instituições a exemplo da força policial e militar e, por fim, o monarca. Comerciantes lucrando a partir da miséria do pobre, juizes distorcendo o direito, as ricas mulheres usufruindo das benesses dos palácios. Sempre usando o nome de Deus para justificar suas injustiças. Tudo em um grande acordo nacional que envolvia a justiça e as instituições oficiais.

VIOLÊNCIA, POBREZA E MISÉRIA NO BRASIL E AMÉRICA LATINA

Para abordarmos questões ligadas a pobreza e a miséria social, é preciso que pensemos, primeiro, no conceito de violência. Em uma primeira aproximação, é comum ligar o termo “violência” ao uso força, o que nos parece equivocado. Quando pensamos na implicação da força para caracterizar a violência, estamos ignorando uma série de outras formas de se praticar abusos. A palavra “violência” deriva do latim *violentia*, que implica em impetuosidade, transgressão. No entanto, a origem está ligada ao verbo *violare*, de violação. Desta forma, entendemos que toda violação é uma violência¹⁰:

Dessa maneira, tudo o que viola uma ou outra pessoa, no sentido de prejudicar ou desrespeitar ou abusar ou des-reconhecer essa pessoa, seja com dano físico ou sem, pode ser entendido como um ato de violência. Desse modo, a definição genérica básica de violência se tornaria violação do estado de pessoa (HORSLEY, 2010, p.19).

Havendo violação, há violência, ainda que não exista a implicação de força física. É importante atentarmos para esta questão evitando que frequentes formas de ataques, desrespeito e violações passem despercebidas a pretexto de não serem devidamente caracterizadas como violência por conta da equivocada ideia de que, se não há força e agressão física, não há violência. Na verdade, a agressão física é o ponto máximo da violência. Levada ao extremo, temos as guerras e os genocídios:

A violência também pode ser exercida e vivida sem que seja identificada, quando se concretiza em algo compreendido como normal, banal e até aceito socialmente. Por isso, podemos afirmar que a violência é uma prática humana, social, cultural e também política. Ou seja, pode ser compreendida diferentemente de acordo com o modo de vida de um grupo social e pode ser institucionalizada (CUNHA, 2016, p.19-20).

É importante destacarmos a violência estrutural e a simbólica. Na primeira, temos a produção de práticas e normas a partir de um determinado grupo social que esmaga ou contribui para o esmagamento daqueles que não estejam inseridos no mesmo contexto que o grupo principal. O poder é repartido sem atender a práticas de igualdade. Há injustiças e o agravamento de problemas sociais como a deficiência na oferta do acesso à educação, por exemplo. Limitar a educação é uma prática de violência estrutural, assim como a falta de moradia e a ineficiência do serviço público de saúde. Nem sempre há imposição de força e nem sempre tem o objetivo de diminuir ou violentar, mas diminui e violenta. A violência simbólica traz um agravamento daquela estrutural. Nesta, temos a adição do fator moral e psicológico a partir da fabricação artificial de valores, crenças e normas baseadas em grupos de pessoas privilegiadas, inferiorizando aqueles que não se encaixam no discurso dominante.

Pobreza, miséria e injustiça que esmagam o pobre eram violência a época em que o profeta Amós a denunciava e continua sendo no século XXI, quando a taxa geral de pessoas que vivem na miséria cresce na América Latina, de acordo com os dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Os números divulgados em 2019 apontam que, em 2017, 62 milhões de pessoas viviam em condições de extrema pobreza na América Latina, o que corresponde a 10,2% da população, número mais alto desde 2008. A projeção para 2018 é de que 63 milhões de pessoas estejam nesta condição. Há um aumento constante dos números. Ainda, em 2017, 184 milhões de seres humanos latino-americanos viviam em condições de pobreza, 30,2% da população. Ou seja, mais de 40% da população latino-americana vivem entre a pobreza e a miséria¹¹.

O agravamento da crise econômica na Venezuela que deságua no caos social e crise humanitária, além das fugas em massa de cidadãos de vários países para os Estados Unidos, parece não sensibilizar os poderosos governantes, a exemplo do presidente americano Donald Trump, que entende ser possível acabar com a crise migratória através da construção de um muro na fronteira com o México. Esta é uma estranha concepção: para o presidente americano, levando em consideração a intenção da construção do muro, o problema passa a não existir se não conseguirmos vê-lo. No entanto, ainda que muros venham a esconder o pobre dos olhos de quem não o quer vê-los, ele, o pobre, permanece existindo e sendo esmagado.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas apontou que entre 2014 e 2017, 6,3 milhões de pessoas passaram a viver abaixo da linha da pobreza, um crescimento de 33%. Este número equivale a duas vezes a população do Uruguai¹². Os dados da Síntese dos Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que em 2017, o total de pobres no país atingiu a cifra de 23,3 milhões – um grupo maior do que a população chilena. Este mesmo indicador, em 2016, apontava 13,5 milhões de pessoas. A crise política e a briga pelo poder que levou a presidente Dilma Rousseff ao impeachment, com a ascensão do vice Michel Temer, trouxe sérios agravamentos a situação da população pobre e miserável do país¹³.

MARIANA, BRUMADINHO E O ESMAGAMENTO DO POBRE

Duas tragédias que aconteceram no Brasil em um período de três anos destacam bem o processo de esmagamento do pobre. No dia 5 de novembro de 2015 aconteceu o rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração na cidade de Mariana, Minas Gerais. A barragem era um empreendimento da brasileira Vale S.A. e da anglo-australiana BHP Billiton. Em 25 de janeiro de 2019, o rompimento foi em Brumadinho, em Minas, em barragem administrada também pela Vale. Encontrado em rochas, o minério de ferro é utilizado como base pelas mais diversas indústrias por sua importância na fabricação de eletrodomésticos e carros. Matéria-prima para o fabrico de aço, é utilizado também na construção civil. A extração do minério na natureza passa por um processo chamado “beneficiamento”. É neste momento que as mineradoras separam o minério do restante do material que não tem valor para o comércio. A forma mais barata de fazer o beneficiamento é lavar o material extraído com água. Extraíndo o minério de ferro, o que sobra são os chamados rejeitos de mineração, que também contém minérios, mas sem concentração suficiente de ferro. Por conta da lavagem com água e da areia que vem no material, o rejeito vira uma grande lama. Já há métodos mais modernos para a separação dos minérios, sem a utilização de

água. São mais caros. O material que sobra não pode ser descartado indiscriminadamente por conta do risco que oferece aos seres vivos: pessoas, animais, a natureza. É onde entra o papel das barragens.

As barragens funcionam como uma espécie de dique construído para barrar a lama. Há um processo chamado de alteamento que consiste na criação de novas camadas de barragem a partir do momento em que os reservatórios vão enchendo. A barragem de Brumadinho tinha o método mais barato de alteamento, que é a construção de elevação por degraus criando novos níveis no reservatório sempre que o nível anterior é preenchido pela lama dos rejeitos. É o método menos seguro e era o mesmo utilizado na barragem que estourou em Mariana, em 2015.

O rompimento em Mariana é o maior da história do Brasil. Mais de 60 milhões de metros cúbicos de lama com rejeitos foram despejados. O maior impacto foi o ambiental, já que a lama atingiu o Rio Doce. Um estudo do Comitê da Bacia do Rio Doce apontou que o impacto ambiental causado pelo desastre só será contido em, pelo menos, 100 anos. A bacia do rio abrange 230 cidades brasileiras. Um rastro de destruição em cadeia que contaminou rio, mar, a água utilizada por seres humanos. A época, a prefeitura de Mariana estimou que seriam necessários 100 milhões de reais para reparar os danos na infraestrutura do município. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis afirmou que 11 espécies de peixes nativas da bacia do Rio Doce estavam ameaçadas de extinção e outras 12 que só existiam no rio podiam também desaparecer.

Em Brumadinho, a tragédia foi humana. A barragem, que era considerada de baixo risco, controlada também pela Vale, rompeu deixando mais de 186 mortos e 122 desaparecidos (números registrados em 28 de fevereiro de 2019). O impacto foi social, econômico, ambiental. Famílias inteiras soterradas pela lama. Outras que não conseguiram ao menos enterrar os seus mortos. O rio Paraopeba, que abastece ao menos um terço da Região Metropolitana de Belo Horizonte, foi tomado pela lama. Cerca de 50 cidades estão no entorno do rio, além da aldeia indígena pataxó Naô Xoha. Reportagem da Folha de São Paulo registra que as mulheres grávidas tiveram que deixar a aldeia para viver em bairros da periferia¹⁴.

Não é preciso morar nas cidades afetadas por uma catástrofe para ser afetado pela tragédia. Inclusive, é fundamental que, principalmente quem não mora nestas cidades, seja afetado pelos acontecimentos. Para quem está no local, a afetação é automática. Se não formos afetados pelos problemas e dilemas de nosso próprio povo estamos distantes e em oposição ao pensamento pregado, segundo os evangelhos, por Cristo e inseridos no contexto profetizado por Amós¹⁵. Foi o próprio Jesus, segundo o evangelho de Lucas, quem lembrou a história do

Lázaro, pobre com o corpo coberto por feridas que vagava pelos arredores da casa de um homem rico. O pobre esperava pelas migalhas do rico e os cachorros lambiam-lhe as feridas. Na história relatada em Lucas 16 é o pobre quem recebe a atenção especial de Jesus. Ali, mais que sua vida espiritual, mas sua condição de vida como homem pobre e desprovido de atenção do poder público chamam a atenção. Qualquer interpretação que anule o aspecto também social desta perícopa parece estar em choque com aquilo que Jesus comunicava.

Tomando como exemplo os casos de Mariana e Brumadinho, além da tragédia ambiental e humana, há o crime da exploração econômica que esmaga e empobrece quem já é pobre. Milhares de famílias pobres vivem ao redor de barragens que são resultado de um trabalho que alimenta a conta bancária de poucos poderosos com milhões. Os descartes dos materiais de rejeitos são feitos em cima do pobre, violando a santidade da vida. É preciso deixar afetar-se pela tragédia da situação:

Fugir, sutil ou ríspidamente, da tragédia é uma forma de se afastar da realidade do nosso mundo. Mas é preciso ter consciência das consequências: sem prender-se à realidade não se consegue ajudar ninguém, nem os afetados externamente, nem a nós mesmos internamente. Deixa-se afetar, sentir dor diante de vidas truncadas ou ameaçadas, sentir indignação diante da injustiça que está por trás na tragédia, sentir também vergonha por estarmos prejudicando este planeta, por não consertá-lo nem estar em vias de consertá-lo, tudo é importante. Leva à compaixão e à ajuda imediata e de emergência, mas, principalmente, traz luz acerca de como ajudar de maneira eficiente na tragédia (SOBRINO, 2007, p.36).

Quando não somos verdadeiramente afetados pelas tragédias, vamos tornando a dor do pobre indolor para o restante da sociedade, naturalizando o mal. Essa naturalização é perigosa. Nas redes sociais encontramos comentários do tipo: “mas porque aquelas pessoas moram neste lugar se sabem que ali é perigoso?”. Ora, a resposta a esta indagação deve vir do poder público. Por que o poder público não tira o pobre da miséria? Ao mesmo tempo em que as tragédias vão sendo interpretadas como banais e comuns, coisa normal, vai se construindo uma espetacularização do mal. Programas policiais a exemplo do “Brasil Urgente”, da TV Band, e do “Cidade Alerta”, da RecordTV, alimentam-se da tragédia do pobre para garantir audiência¹⁶. O assistencialismo dominical também faz uso da exploração da pobreza para garantir as altas arrecadações por meio de anunciantes sedentos por audiência. Em um triste episódio do “Programa do Faro”, na RecordTV, um homem que participava do quadro “Arruma meu marido” teve 12 (doze) dentes arrancados em um período de dois dias para passar

pelo que foi chamado de “repaginação no visual”. Walmor Ferreira, de Cuiabá, processou a emissora, afirmando que teve sua boca praticamente mutilada. O caso aconteceu em 2011. Em 2018, a RecordTV foi condenada a pagar cerca de 140 mil de indenização que incluía valores das despesas para uma reabilitação bucal e danos moral, estético e visual¹⁷.

Em todos estes casos onde o pobre é esmagado, a maior tragédia sempre será a diminuição do ser humano. Todo o processo de desumanização é tragédia e violação, é violência, é esmagamento. Em um país latino-americano onde as empresas resolvemos problemas que causam aos pobres pagando multas na justiça, se sentido à vontade para recomeçar seus trabalhos normalmente, sem diretores condenados e presos, uma tragédia como a de Mariana e Brumadinho torna-se crime. Os poderosos se sentem à vontade para expandir seus projetos e negócios em uma base sustentada pelo povo empobrecido que, embaixo do suporte, tenta se equilibrar enquanto vai sendo esmagado. O que aconteceu em Mariana e Brumadinho é fruto da injustiça social. Crime contra a sociedade, contra o povo, contra o pobre, contra a santidade da vida. Um crime contra Deus, crime que traz à luz a profecia de Amós na medida em que, enquanto o humano vai se desumanizando, o governo vai discutindo a flexibilização de leis trabalhistas e reforma da previdência em um país de terceiro mundo, ignorando as urgentes necessidades daqueles que vão sendo empobrecidos dia após dia. Especialmente em um país de terceiro mundo, ou o pobre é visto como preferencial ou será condicionado a miséria. É o pobre que precisa estar no centro da discussão e não o rico, o empresário, o poderoso. Não se pode simplesmente flexibilizar as leis trabalhistas porque os poderosos acham que contratar custa caro, em um processo que moderniza os tempos da escravatura.

Os rompimentos da barragem em Mariana e Brumadinho significam mais que a tragédia por si só e expõe os graves problemas sociais que envolvem o povo pobre latino-americano, neste caso, especialmente o brasileiro. Os efeitos da tragédia apresentam um país com deficiências sociais, culturais, morais, religiosas e políticas e, a partir do momento em que se ignoram todos estes aspectos que envolvem as tragédias, passamos para um mascaramento da verdade onde não se admite a realidade, não se deixando afetar pelo problema de forma real. O mascaramento da verdade, inclusive, constitui uma nova violência. Indenizar as famílias somente não resolve a questão e, além disso, mascara o problema. As doações de água, comida e roupas resolvem o problema urgente, mas não solucionam a questão. As pessoas mortas permanecem mortas e os riscos de uma nova tragédia permanecem iminentes. É preciso considerar que as medidas paliativas, mesmo sendo necessárias, não são e nem devem ser a resolução do problema em definitivo. Dar comida para os pobres da sociedade de Amós para que eles possam comer durante uma semana não resolvia o problema

principal do porquê o pobre passava fome. O trabalho assistencialista, muitíssimo necessário, não resolve o problema em definitivo. Para Amós, o paliativo somente significava uma banalização do pobre que vivia sob o julgo dos poderosos. Sobre esta solidariedade, lemos que:

Quando ocorrem catástrofes, aparece claramente a necessidade de compaixão e misericórdia. Mas raramente insiste-se na verdade, quase nunca – na exigência de escutar a palavra que brota da própria realidade. E, apesar de que possa surpreender, sói ser mais fácil reagir com algum tipo de obra de misericórdia do que encarar a verdade que o terremoto coloca descoberto e proclama, “grita”, para aqueles que tiverem ouvidos para ouvir. [...] A conclusão é que a verdade fica dissimulada ou anulada, e a realidade, encoberta (SOBRINO, 2007, p.63-4).

Especialmente nos países de terceiro mundo, este encobrimento da verdade explicado por Sobrino é cultural. A verdade vai sendo suprimida, sufocada, escondida ao mesmo tempo em que os poderes, sejam eles políticos, econômicos, religiosos oprimem a realidade quando não a tratam como real. Tratar o pobre sempre com paliativos é negar aquilo que é real. Negar à verdade ou não encará-la de forma prática soma a violenta cultura de mascaramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profecia de Amós é um prenúncio de Cristo para o pobre e oprimido. As palavras de Amós são boas novas para o povo, Jesus de Nazaré (inverte a ordem) assentando-se com publicanos e pecadores e denunciando o formalismo, a violência, a opressão. Jesus aparece em Amós na esperança para o pobre. Jesus e Amós não representam a alegria dos poderosos, mas o fôlego das periferias. Por isso a fé cristã deve atentar não apenas para a negatividade da tragédia, mas pela busca de sentido, de significado. O que significa o rompimento de uma barreira? De que modo a vida das pessoas são afetadas além das perdas imediatas? Quais suas causas e consequências? Se a fé não se aproxima destes questionamentos deixa de manifestar Jesus e tira o sentido do que profetizou Amós. A fé em Jesus de Nazaré (pode sair alguma coisa boa de Nazaré?) exige sentimento, envolvimento, afetação, atenção.

A profecia de Amós permanece atual quando passamos a analisar a realidade do pobre, especialmente o latino-americano. A luta por uma sociedade mais justa, onde todos tenham acesso aos direitos mais básicos, permanece a sendo a mesma que o profeta tinha quando o seu povo padecia na mão dos poderosos. A voz de Amós permanece viva porque o pobre ainda sofre e Deus sofre a injustiça dos necessitados. A ofensa ao pobre é ofensa contra Deus e, o que difere deste

pensamento não pode estar de acordo com a fé cristã. Amós não era um reformador religioso somente, mas defendia também a reforma social, trazendo uma visão conjunta.

A fé em Cristo nos exige ação, porque o pobre está sendo esmagado. Esmagado pelos impostos, pelo sistema de saúde. Pela falta de segurança, pelo poder público, pelo aumento da passagem de ônibus, pelo IPVA, pela deficiência na oferta de educação. Pela falta de emprego, de oportunidades igualitárias. O pobre está sendo esmagado, agora, até pela lama.

THE CRUSHING OF THE POOR FROM THE PROPHET AMOS: SOCIAL VIOLATIONS INSTEAD OF JUSTICE

Abstract: *the prophecy of Amos is a cry for social justice. In times of oppression, the poor were crushed by the political system while the powerful enriched. This same movement continues to be observed when we stop to analyze how some tragedies such as the breakdown of the tailings dam in Mariana and Brumadinho (MG) expose the deficiencies and the violence suffered by the peoples, especially the Latin American. The process that we will call “crushing the poor”, seen in the prophecy of Amos, is modernizing and violating those who do not have access to justice and do not enjoy the human rights and the rights guaranteed in the Brazilian Constitution.*

Keywords: *Poverty. Misery. Social Justice. Amos.*

Notas

- 1 Amor ao próximo e renúncia ao status são elementos que estão nas bases do cristianismo primitivo. A conclusão toma por base um estudo de Gerd Theissen citado nas referências deste texto.
- 2 Este é um povoado que fazia parte das fortificações do Sul, conforme lemos em Jeremias 6,1, por exemplo. Em 2 Samuel 14 lemos um episódio com uma sábia mulher habitante deste povoado.
- 3 A narrativa bíblica conta que após a morte de Salomão, seu filho Roboão assume o trono, quando o reino de Israel se divide. As dez tribos do norte passam a formar o Reino de Israel. As tribos de Judá e Benjamin formam o Reino de Judá, com capital em Jerusalém. Ao Norte, Samaria e Betel são duas importantes cidades: a primeira era a capital do reino e, a segunda, centro de culto. Este reino unido de Davi e Salomão não é aceito pelos historiadores mais críticos, no entanto, por conta da ausência de comprovação histórica. Para Kaefer (2010, p. 169-177), a confederação tribal (as 12 tribos) é um conceito que foi introduzido tardiamente na literatura bíblica e que, portanto, não se sustenta historicamente. Jerusalém seria, à época destes monarcas, um vilarejo.
- 4 De acordo com a Biblioteca da Torre de Vigia, o sicômoro mencionado em Amós é uma árvore que “atinge a altura de 10 a 15 m, é resistente, e pode atingir várias centenas de anos de vida. Ao passo que suas folhas em forma de coração são menores que as da figueira, a folhagem é densa e ampla, e a árvore oferece uma boa sombra. É costume dos cultivadores egípcios e cipriotas de sicômoros (figueira) pungir os frutos prematuros com um prego ou outro instrumento pontiagudo, para tornar o fruto comestível. O risco ou furo nos figos

verdoengos do sicômoro provoca um acentuado aumento na emanação do gás etileno, o que acelera consideravelmente (de três a oito vezes) o crescimento e o amadurecimento do fruto”. Este seria um dos trabalhos de Amós.

- 5 O texto de Amós, de 3,3 até 4,4 especialmente, nos ajuda a entender como o povo sofria com as várias opressões impostas pelo poder público.
- 6 Não confundir o profeta Jonas em questão, filho de Amitai, profeta de Gate-Héfer, mencionado em 2 Reis 14,25, com o profeta Jonas cujos escritos falam de sua ida a cidade de Nínive.
- 7 Ver Abiud Fonseca (2012), que faz uma importante análise de Amós 4,1-3.
- 8 Xavier (2018) também analisa a posição e papel da mulher na Bíblia nos dois Testamentos. Nisto, evidencia-se o processo de exclusão e marginalização sofrido por uma série de mulheres nos textos sagrados. Agora, em Amós, parte destas mulheres em situação de exclusão passa a exercer o papel de seus opressores.
- 9 Relegar às mulheres esta posição acontece especialmente no contexto reformista de Ezequias e Josias, momento em que o culto às deusas mediados por sacerdotisas estavam sendo banidos. Antes deste período há relatos de deusas, sacerdotisas, profetisas, mães e esposas de reis, todas com importantes funções tanto religiosas quanto também sócio-políticas.
- 10 Esta é uma ideia trabalhada a partir das observações de Horsley (2010).
- 11 Os números fazem parte do Panorama Social da América Latina 2018, divulgado em janeiro de 2019. O documento aponta importantes nortes para entender os problemas e agravamentos sociais na América Latina, com tendências a longo prazo e evoluções recentes. O acesso pode ser feito on-line por meio da página: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/44395-panorama-social-america-latina-2018-documento-informativo>.
- 12 Em 13/08/2018, o site de notícias UOL apresentou este levantamento. A matéria apresentou também a história de Josicleide dos Santos, de 26 anos. À época mãe de uma bebê de 10 meses, Josicleide afirmou para a reportagem que sua filha nunca havia provado um iogurte porque não havia dinheiro para comprar. O texto pode ser acessado em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/09/13/mais-de-6-milhoes-cairam-abaixo-da-linha-de-pobreza-desde-2014-aponta-fgv.htm>.
- 13 Aqui, não faço juízo de valor acerca do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, apontando apenas para a prática questão do aumento da pobreza após sua a saída do cargo.
- 14 A matéria da Folha também apresenta o drama do Cacique daquela aldeia, que não tinha coragem de contar ao membro mais velho da comunidade, de 93 anos, o que realmente aconteceu. O texto pode ser lido em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/sem-agua-pataxos-cancelam-festa-e-gravidas-deixam-aldeia.shtml>
- 15 Sobre a questão da afetação pela tragédia, falo, a partir daqui, baseado no texto de Jon Sobrino (2007). Nascido em Barcelona, Sobrino viveu em El Salvador desde 1957. É um dos grandes nomes da teologia da libertação. O texto utilizado foi escrito a partir reflexões e perspectivas de Sobrino sobre três terremotos que atingiram El Salvador.
- 16 Em 30 de novembro de 2018, o policial “Cidade Alerta” venceu a novela das 18h da TV Globo, “Espelho da Vida”. A novela alcançou 14 pontos contra 15 do programa da RecordTV, que explorou a queda de uma aeronave em São Paulo. Não é comum que uma telenovela da TV Globo perca a liderança neste horário na média do Ibope. Neste mesmo mês, a trama adolescente “Malhação” sofreu frequentes perdas para o programa policial. Entrevistas com parentes das vítimas lágrimas e emocionalismo têm ganhado cada vez mais espaço e audiência na TV brasileira.
- 17 O Diário de Pernambuco tem uma matéria sobre este caso que inclui um link para o site R7, do grupo Record, contendo o vídeo do programa: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/01/26/internas_viver,739638/record-e-rodriigo-faro-sao-condenados-por-tortura-ao-arrancar-12-dent.shtml.

Referências

- BALANCIN, Euclides M.; STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Amós: a denúncia da injustiça social*. São Paulo: Paulus, 1991.
- BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012
- CETINA, Edesio Sanchez. El poeta quien juzga y sufre por la Palabra. *Ribla: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*. Quito, v. 01, n. 71, p. 9-20, 2012.
- CUNHA, Magali do Nascimento. O desafio da humanização das mídias em tempos de espetacularização da violência. In: BEOZZO, José Oscar; FRANCO, Cecília Bernadete (orgs.). *Educar para a paz em tempos de violência*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 19-44.
- DIÁRIO de Pernambuco. *Record e Rodrigo Faro são condenados por ‘tortura’ ao arrancar 12 dentes de homem para quadro*. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/01/26/internas_viver,739638/record-e-rodrigo-faro-sao-condenados-por-tortura-ao-arrancar-12-dent.shtml> Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.
- FARIA, Jacir de Freitas. Denuncia, solución y esperanza en los profetas. *Ribla: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 35-36, p. 25-35, 2000.
- FONSECA, Abiud. Escuchad... vacas de Basán – Um análisis sobre el uso de um lenguaje sexista en Amós 4.1-3. *Ribla: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*. Quito, n. 71, p. 60-71, 2012.
- G1 Minas. *Número de mortos identificados da tragédia da Vale, em Brumadinho, sobe para 186*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/28/numero-de-mortos-identificados-da-tragedia-da-vale-em-brumadinho-sobe-para-186.ghtml>> Acesso em: 01 de março de 2019.
- HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina Romana*. São Paulo: Paulus, 2010.
- KAEFER, J. A. Tribalismo na história de Israel: perspectiva ainda válida? In: *Espaços*. São Paulo: Santuário, v. 18, n. 2, p. 169-177, 2010.
- O CANAL. *Cidade Alerta vence Espelho da Vida*. Disponível em: <https://www.ocanal.com.br/noticias-da-tv/audiencia-da-tv/cidade-alerta-espelho-da-vida/>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- PANORAMA SOCIAL DA AMÉRICA LATINA 2018. Vitacura: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2019.
- QUAL FOI O IMPACTO DA CRISE SOBRE A POBREZA E A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA?. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2018.
- REIMER, Haroldo. Amós, profeta de juicio y justicia. *Ribla: Revista de Interpretación*

Bíblica Latinoamericana, Quito, n. 35-36, p. 153-168, 2000.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2002.

SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS. Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

VERDI SULCA, José Luis. El lujo despreocupado - Una actitud engañosa de las clases dominantes de Israel, en Amós 4,1-14. *Ribla: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*. Quito, n. 71, p. 48-59, 2012.

XAVIER, Liniker. *Marginalizadas e Transgressoras: um estudo da genealogia de Jesus a partir das personagens femininas do Evangelho de Mateus*. São Paulo: Reflexão, 2018.